

O objeto da fantasia na Husserliana XXIII

The object of fantasy in Husserliana XXIII

El objeto de la fantasía en la Husserliana XXIII

DOI: 10.5281/zenodo.23378126

Recebido: 12 out 2026

Aprovado: 13 out 2026

Caio César Costa Santos

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (Lagarto - Sergipe, Brasil)

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3778-035X>

E-mail: cesarinmind@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta e discute a fenomenologia da fantasia de Husserl descrita principalmente no tomo da Husserliana XXIII. Em um primeiro momento, tratamos da quase-atualidade da fantasia. Em um segundo momento, investigamos alguns traços da consciência de imagem. No momento seguinte, a corporificação dos traços perceptuais do objeto na fantasia. Na segunda parte do artigo, que é a sua parte principal, apresentamos a teoria do fantasma (*phantom*). No tópico seguinte, a sensação como um fantasma. E, encerramos com os dois últimos tópicos que são - respectivamente - o fantasma como momento modificado e reproduzido - e - a vivacidade do fantasma. Como conclusão do artigo, ressaltamos a grande relevância do tema em análise porque Husserl, diante do avanço da fenomenologia, sempre esteve preocupado em escrever sobre e fundamentar uma ciência, não deixando de lado, claro, a importância dos estudos sobre a fantasia.

Palavras-chave: Fantasia, Fantasma, Investigações, Husserl, Husserliana XXIII.

ABSTRACT

This paper presents and discusses Husserl's phenomenology of fantasy, primarily as described in volume XXIII of Husserliana. First, we address the quasi-actuality of fantasy. Second, we investigate some features of image consciousness. Next, we examine the embodiment of the perceptual features of the object in fantasy. In the second part of the article, which is its main section, we present the theory of the phantom. The following section discusses sensation as a phantom. Finally, we conclude with the last two sections: the phantom as a modified and reproduced moment, and the vivacity of the phantom. In conclusion, we emphasize the great relevance of the topic under analysis because Husserl, in the face of the advancement of phenomenology, was always concerned with writing about and grounding a science, without neglecting, of course, the importance of studies on fantasy.

Keywords: Fantasy, Ghost, Investigations, Husserl, Husserlian XXIII.

RESUMEN

Este artículo presenta y discute la fenomenología de la fantasía de Husserl, descrita principalmente en el tomo XXIII de la *Husserliana*. En primer lugar, abordamos la casi-actualidad de la fantasía. En segundo lugar, investigamos algunos rasgos de la conciencia de imagen. A continuación, analizamos la corporización de los rasgos perceptivos del objeto en la fantasía. En la segunda parte del artículo —que constituye su núcleo— presentamos la teoría del fantasma (*phantom*). En el apartado siguiente, tratamos la sensación como un fantasma; finalmente, concluimos con los dos últimos temas: el fantasma como momento modificado y reproducido, y la vivacidad del fantasma. A

modo de conclusão, destacamos a gran relevancia del tema analizado, dado que Husserl, en el marco del avance de la fenomenología, siempre se preocupó por escribir sobre una ciencia y fundamentarla, sin dejar de lado, por supuesto, la importancia de los estudios sobre la fantasía.

Palabras-clave: Fantasía, Fantasma, Investigaciones, Husserl, Husserliana XXIII.

*“A imagem do centauro representa
também a forma da percepção”.*

Edmund Husserl

1. A QUASE-ATUALIDADE DA FANTASIA: UMA INTRODUÇÃO

Neste artigo em específico, trataremos de algumas partes da Husserliana XXIII. É importante informar que não seremos muito metódicos a ponto de traçar panoramicamente ou mesmo elencar detidamente os principais pontos tratados na Husserliana XXIII. No entanto, traçamos nosso limite investigativo em sete (7) pontos - a saber - 1) A quase-atualidade da fantasia (esta introdução); 2) Os traços da consciência de imagem; 3) A corporificação dos traços perceptuais do objeto na fantasia; 4) A teoria do fantasma (*phantom*); 5) A sensação como um fantasma; 6) O fantasma como momento modificado e reproduzido; e; 7) A vivacidade do fantasma; - e encerramos com uma conclusão.

Na Husserliana XXIII intitulada *Fantasie, Bildwahrnehmung und Erinnerung*, os atos da fantasia são naturalmente *atos modificados*. Quando os atos perceptuais são absorvidos pelo fluxo da fantasia, os atos representacionais desta se realinham dentro de um ritmo e imanência própria da fantasia. A individualidade deste “modificar-se” é, na verdade e em sua realidade, o “modificar” do seu próprio fluxo de origem que começara no ato perceptual originário. Neste sentido, logo após que eu me valho da apreensão perceptual do objeto físico e atual, a própria dinâmica da fantasia modifica o fluxo que advém do ato de percepção do objeto percebido presentemente por mim. Como dizemos, a relação entre objeto perceptual e objeto fantasiado é *entrecruzada* justamente porque há um fio invisível que interliga “percepção” e “fantasia”. Conforme diz Husserl (2005), o mundo da fantasia pode ter a sua própria *harmonia* quando, por exemplo, eu vejo diante de mim um centauro que come maçãs embaixo da árvore. No reino animal terrestre, não há a presença deste tipo animalesco, no entanto, a sua “presença” na fantasia se torna *possível*. Conforme diz Husserl (2005), eu crio em mim um *mundo harmonioso* para o centauro. “Mundo harmonioso”, aqui, quer dizer que eu crio, diante da minha abstração memorial de fantasia, um mundo possível de harmonia para o centauro. Portanto, na fantasia, podemos dizer assim: “tudo é possível”; até porque o mundo das fantasia trabalha com infinitas possibilidades, pois, em cada objetividade de uma possibilidade há, atrelado a isto, um conjunto aglomerado e heteróclito de mundos possíveis dada a

característica fundamental do mundo da fantasia - o de se relacionar e se conectar com qualquer tipo de realidade, afinal, aqui, tudo é possível.

Neste íterim, quando o centauro aparece diante de mim, Husserl (2005) diz que eu não tenho, perante a mim, uma pura atualidade sob à aparição do centauro no meu campo da fantasia, ao contrário, o que eu vejo na imagem do objeto “centauro” é, na verdade e em sua realidade própria, uma “quase-atualidade”; que quer dizer que o centauro, quando ele aparece para mim, não é totalmente “presente” e “atual”, pelo contrário, em todo o mundo da fantasia, não se verifica apreensões de imagens de objeto puramente “reais”, mas, “ideais”, pois, a única “pura atualidade” que se encontra entre o fluxo absoluto da consciência perceptiva e da consciência de imagem é o meu próprio campo perceptivo. Portanto, na fantasia, o centauro que agora aparece a mim como “existindo”, somente é possível vê-lo por conta do “como se”, ou seja, “como se o centauro, mesmo não tendo uma realidade efetiva no mundo, ele se torna “presente” para mim numa “quase-atualidade”. Quando Husserl (2005) diz que a fantasia possui a sua própria harmonia, isto quer dizer que eu *invento* e *ajo* ou *percebo* nesta ou dentro desta impressão imaginada. Por exemplo, “eu posso repetidamente fantasiar um centauro como o mesmo centauro, como exatamente o mesmo individualmente...” (Husserl, 2005). Sobre isto, segundo Brough (2005, p. 42, da introdução), “ser um objeto da fantasia aqui significa ser uma possibilidade e ser o mesmo objeto da fantasia significa ser a mesma possibilidade. Presumivelmente, Husserl confluiu fantasia e possibilidade neste momento porque ele pensou que o objeto da fantasia, como quase-objeto, é mais do que algo atual, pode ser um nada mais do que uma possibilidade”.

Neste sentido, cada ego pensante cria o seu próprio mundo da fantasia, porém, a partir de todas as suas relações com o mundo dos fenômenos. Assim, cada fenômeno do mundo, experienciado e/ou representado, atual ou inatual, fica como que registrado o tom de sua vivacidade na tonalidade da forma da retenção da memória. Ou seja, o ego pensante do mundo absorve os objetos perceptuais do mundo dos fenômenos e retém deles o teor de sua forma e de seu conteúdo que é estruturado pelo mundo. Com isto, a memória passa a reter, da atualidade dos atos de percepção, a *quase-atualidade* dos meus atos representacionais. Ou seja, a atualidade da apreensão do objeto perceptual é doada uma parte para a “atualidade” do objeto da fantasia; o que o torna uma *quase-atualidade*. Assim, dentro de cada possibilidade de atualidade do objeto fantasiado, uma nova possibilidade de apreensão como *quase-atualidade*. Husserl (2005) diz que “é quando eu suponho que estou fantasiando que algo existe é quando eu tenho uma possibilidade. Com isto, “os vários sujeitos podem fazer a mesma suposição e então ter a mesma possibilidade, embora não a mesma fantasia” (Husserl, 2005). Ou seja, na individualidade de dois sujeitos eu posso ter diante de mim a mesma suposição (invenção) de supor que realmente o centauro existe para

mim, com isto também, nos dois sujeitos individuais há a mesma possibilidade porque ambos estão imersos em seus mundos de fantasia e “fantasia” é sinônimo de “possibilidade. No entanto, como são dois egos individuais, então, nunca teremos a mesma fantasia para ambos. Porque muito embora eu esteja absorvido completamente na objetividade da individualidade do objeto da minha fantasia que é o centauro; este mesmo centauro que agora eu vejo não será nunca o mesmo objeto fantasiado que o outro vê.

Neste sentido, Husserl (2005) diz - “o que é possível é possivelmente existente”. Logo, no interior de cada fantasia, há vários e múltiplos objetos de fantasia individuais porque são múltiplas as possibilidades. Com isto, o centauro que eu vejo diante de mim só é meu, portanto, individualmente falando, para cada consciência perceptiva um ato de percepção singular e para cada ato de percepção singular uma apreensão individualizada do centauro, logo, uma nova possibilidade de eu “visar” o objeto da minha fantasia. Com este sentido, Husserl (2005) afirma “não faz sentido dizer que um centauro “individual” que um sujeito inventa e que outro sujeito inventa é o mesmo”, “dado que cada sujeito cria o seu próprio mundo de fantasia” (BROUGH, 2005, p. 43, da introdução). Portanto, “fantasia” é igual à “suposição” que é igual à “possibilidade”. Husserl (2005) usa o exemplo do portarretrato de Bismarck. Ele diz: “quando eu olho para um portarretrato de Bismarck, eu não vejo tela e pigmento, mas uma imagem de um ser humano. Assim, é igualmente verdadeiro que quando eu vejo a imagem de Bismarck, eu não vejo Bismarck em pessoa” (Husserl, 2005). Neste exemplo de Husserl (2005), ao é perceber e apreender o objeto perceptual “portarretrato de Bismarck”, Husserl (2005) diz, à primeira vista, ou seja, em um primeiro relance de olhar, eu não olho para a tela, bem como a imagem do portarretrato, ao contrário, o meu primeiro ato intencional é “ver” que ali se trata de um ser humano e este ser humano é Bismarck. Logo e de imediato, eu observo isto e, durante o meu ato de observar o portarretrato de Bismarck, vejo que se trata de uma pessoa física, apesar de atual para mim diante do meu ato de percepção, a pessoa Bismarck se passa como inatual, ou seja, não-presente porque todo este trabalho de “modificação” do meu campo perceptual da minha fantasia é feito com base na minha apresentação perceptual que se relacionará em seguida com a minha apresentação da fantasia.

Assim e neste sentido, a cor, a forma e o conteúdo da pessoa Bismarck me aparecem como “presentes” e “atuais”, em contrapartida, eu vejo e olho para Bismarck a partir da “atualidade” de uma tela e, a apresentação da fantasia, faz “tornar”, na imanência da qualidade do ato de ver Bismarck, torná-lo um “objeto vivo” para mim, muito apesar de sua ausência física. Então, com isto, a “atualidade” da imagem do objeto perceptual Bismarck na tela do portarretrato torna esta “imagem ausente em pessoa” presente para mim. Neste ínterim, todo o continuum da imagem representativa de Bismarck no portarretrato fica como que “grudada” na minha consciência de imagem; o que resulta dizer que todo o objeto perceptual dentro da

qualidade afetiva de um ato, também perceptual, “faz ver” algo idêntico na minha imagem *quase-atual* de minha consciência de imagem. Isto que acabamos de dizer está em acordo com o que Husserl (2005) diz no que se segue: “que a imagem do objeto sozinha genuinamente aparece na consciência de imagem”. Ou seja, apesar do suporte físico do portarretrato de Bismarck fazer-me “afetar” pela pessoa Bismarck, esta “afecção” cria em mim a imagem do objeto representado Bismarck em pessoa, só que em seu modo *quase-atual*. É como se a atualidade da coisa “emprestasse” a sua “atualidade” para a “quase-atualidade” de minha consciência de imagem. Então, portanto, passamos a “ver” Bismarck como estando presente na cor e forma do portarretrato, ou seja, enquanto um objeto físico-perceptual e vemos também Bismarck na imagem representada intuitivamente através de minha consciência de imagem. Portanto, o que eu vejo na imagem do objeto de Bismarck é a totalidade das tonalidades sensíveis e, por isso, “sensoriais” do objeto na minha consciência de imagem de uma só e única vez. Assim, como “signo visível”, a imagem da pessoa Bismarck no portarretrato faz-nos lembrar que todo o representa algo que não está visível externamente ou presentemente. Assim, podemos dizer que a imagem do objeto Bismarck evoca dois Bismarck - um na percepção e - o outro - na fantasia. O que nos faz também afirmar que há dois mundos possíveis entre a percepção e a representação - a saber - o mundo físico dos fenômenos e o mundo criado e/ou inventado da fantasia.

2. OS TRAÇOS DA CONSCIÊNCIA DE IMAGEM

No caso da simbolização de um objeto, a função representativa do ato de percepção que é a reflexão pura do meu ato perceptual representa o meu ato como agora eu estou percebendo (Recanati, 2013). Por outro lado ou por outra via, a função representacional da imagem do meu ato de percepção cria uma determinada consciência de imagem, como função propriamente imaginativa da memória, que representa internamente o objeto quase-atual de minha percepção fantasiosa. Quando eu digo, por exemplo, que “eu vejo uma imagem”, necessariamente aí está contida uma “consciência de imagem” que recupera a imagem do objeto da percepção e o conserva dentro de uma “atualidade” que, na fantasia, vai ser uma “quase-atualidade”. Para Husserl (2005), então, a percepção na consciência de imagem é, portanto, uma percepção realizada de um modo inatual. Neste sentido, o que a consciência de imagem oferece é, no mais, uma *modificação (änderung)* na apreensão e na apresentação da imagem do objeto que aparece para mim. Husserl (2005) ainda chama este fenômeno de *aparência perceptual* que é quando a imagem do objeto aparece como “presente”, mas não é atual. Seria isto, portanto, a ideia da imagem do objeto que aparece para mim como presente em minha consciência de imagem, mas é inatual em toda a sua composição. No

entanto, torna-se preciso primariamente do ato de percepção cristalizado em torno do fenômeno da coisa para que a sua relação “perceptual” com a minha consciência de imagem se estabeleça uniformemente.

Diante disto, os traços da minha consciência de imagem representam em seu modo “quase-atual” ou “inatural” a imagem projetada pelo meu campo de percepção cristalizada na qualidade de um ato. Segundo Brough (2005, grifo meu), é sempre presente o fato de que o ato da consciência de imagem realmente exista, não no mundo real, mas na *consciência*. Uma nota: o fato de que determinado objeto em curso, ou seja, “esteja agora para mim existindo” não quer dizer que este “existindo” signifique que o objeto é, de toda medida, um *objeto atual*. Husserl demonstra que ele, o objeto, é “atual” somente na pura percepção e ele é “inatural” somente na fantasia (ou consciência de imagem). Contudo, embora a imagem não seja atual, ela é *presente* justamente porque ela, a imagem, toma do ato de percepção o “molde configurativo” que configura o objeto da imagem que aparece na minha consciência de imagem. A partir daí, eu tenho uma *aparência perceptual* do objeto na fantasia. A vivacidade da percepção, ou seja, do meu ato perceptivo torna a imagem uma possibilidade de ela ser “real” e “atual”, no entanto, como nós sabemos, ela, na realidade de seu substrato, ela é “virtual” e “inatural”. Em uma palavra, “ideal”. Ou seja, diante dos objetos que aparecem para mim no mundo dos fenômenos, a qualidade dele ser para mim é a de ser vividamente “atual” e vividamente “presente”. Assim, todo o objeto é, em suma, “real”. Porém, a possibilidade de uma nova “realidade” (*wirklichkeit*) para o objeto vai depender das apreensões da minha consciência de imagem a partir de suas próprias apresentações e presentificações.

Segundo Brough (2005), eu experiencio a imagem como uma *imagem* e não como uma coisa atual. Ou seja, na mudança de natureza do atual para o inatural, a minha consciência de imagem, dentro de sua temporalidade única e característica, modifica o status quo do meu ato de percepção, transformando-o, dentro de uma nova possibilidade eidética, em um objeto até puramente *representado*. Deste modo, o que a consciência de imagem irá capturar desta relação é uma porção “atual” do meu ato de percepção que, na memória do meu ato de fantasia, é uma quase-atualidade daquele ato perceptivo. A “consciência de imagem” é mesmo uma *consciência*; com todas as qualidades, formas, conteúdos e atributos que ela merece. De fato, a consciência de imagem é uma “consciência” porque como temos também uma consciência da percepção, nós temos também uma consciência da imagem de determinada fantasia. Husserl (2005) utiliza, como exemplo, a escultura de um corredor feita de bronze. Segundo ele, a fisionomia do corredor se faz presente como uma imagem, porém, aquilo que vemos, em um primeiro contato em um só relance de olhar, é o brilho do bronze que, em seu tom sobre, “ilumina” toda a corporeidade do corredor/atleta. Vemos aqui se desenrolar a nítida presença da apreensão da imagem deste objeto pela consciência de imagem. Nós

vemos o corredor, mas estamos vendo, sobretudo e inicialmente, o seu tom bronze, ou seja, o teor substancial eidético do bronze.

Acontece que, em contrapartida, o que estamos a ver, na verdade, é uma modificação da natureza da imagem vista de uma forma (com toda a luz e todo o seu contorno), como também uma imagem representada no tom de bronze (a consciência de imagem). Neste sentido, a consciência de imagem “faz ver” a imagem do objeto como nos vemos em um espelho, pois, diante de todas as qualidades extraordinárias do ato de reflexão; aquela que não passa jamais despercebida é a sua faculdade do reflexionamento. A percepção vê e registra (Husserl, 2024). A consciência de imagem representa e, no mesmo instante, modifica. Porque, como o próprio Husserl afirma várias vezes, em toda a representação há um índice de modificação (*änderungsindex*). A modificação (*änderung*) seria a substância de toda a interrelação entre os atos representacionais porque, como a memória da fantasia *conserva* os traços dos atos de fantasia da consciência de imagem, estes próprios atos de fantasia, dentro de seu ritmo modo-temporal de presentificações e retenções, fazem modificar (*ändern*) o status quo da imagem do objeto que aparece agora a mim, depois que foi “transpassada”(*durchbohrt*) pelo meu próprio ato de percepção (Husserl, 2017). No exemplo de Husserl (2005), eu não vejo o corredor, eu vejo o bronze e, no bronze, eu vejo o corredor. Assim e deste modo, na consciência de imagem, não é a figura ou a forma essencialmente configurativas que despertam a ação de minha consciência de imagem, mas, pelo contrário e sobretudo, o primeiro elemento da imagem do objeto que entra em relação imanente com a luz. Com isto, queremos dizer que é o contato do objeto perceptual com a luz o primeiro sinal (ou signo) que a consciência de imagem percebe. Para falar com Merleau-Ponty (2018), são os perceptos da luz (*wahrnehmungen von Licht*) que encadeiam a aparência do objeto perceptual no momento de sua consequente apreensão.

Husserl (2005) diz, na *Husserliana XXIII*, que nas artes plásticas o que vemos ali pintado e/ou construído não é a face, o tronco ou o corpo de uma forma viva, mas, muito mais do que disso, vemos, pela nossa consciência de imagem, a cor, a forma, a geometria, o tom, o teor, em suma, todo o tipo de tonalidade afetiva. Segundo Brough (2005, p. 52, da introdução, grifo meu), “o que Husserl chama a teoria da imagem toma a apresentação e a representação como formas da consciência de imagem, o que significa dizer que o apresentar e o representar implicam em fazer uma imagem de algo. A imagem terá, então, um sujeito, como frequentemente na consciência de imagem, mas ele é a *imagem*, e não o sujeito que é o objeto imediato e direto do ato de apresentar e representar”. Ou seja, o objeto perceptual que aparece à minha consciência de imagem será o *representâmen* da imagem que surgirá em minha consciência de imagem. Assim, na consciência de imagem, tal “consciência” toma o objeto percebido para aparecer um *outro* objeto, ou seja, uma aparente modificação do objeto que ora foi percebido. Portanto, através e por meio da apresentação da

imagem a consciência de imagem captura a imagem da fantasia do objeto perceptual que, quando transpassado para o mundo fictício da fantasia, sofre, como diz Husserl, sucessivas *modificações modotemporais* que levam a transformar aquele suporte físico da imagem do objeto física e material em suporte psíquico-afectivo. Assim, os traços da consciência de imagem vão tecendo a sua composicionalidade partindo-se das abstrações da fantasia de seus próprios atos representacionais.

3. A CORPORIFICAÇÃO DOS TRAÇOS PERCEPTUAIS DO OBJETO NA FANTASIA

Segundo Brough (2005, p. 53, da introdução, grifo meu), Husserl escreve em 1898 que [ele cita Husserl] “as apresentações da fantasia representam seus objetos *na imagem da fantasia*, assim como as apresentações de imagem ordinárias fazem a sua representação *na imagem física*”. Em um primeiro momento, no interior do ato de percepção, os traços perceptuais do objeto animam a vida perceptiva (*wahrnehmungsleben*) das apresentações de imagem ordinárias para, em seguida, estes mesmos “traços” (*eigenschaften*) são recuperados pela apresentação da imagem representada, compondo, organicamente, a forma originária (*ursprüngliche Form*) de todos os seus atos representacionais. Segundo Husserl (2005), uma teoria da imagem seria o ideal para poder explicar o modo como a capacidade da presentificação da imagem do objeto representa o que é ausente (*abwesend*). Em suma, o nosso raciocínio até aqui, talvez, tenha se relacionado, mesmo que de modo ainda muito suave ainda, em torno daquilo que Husserl nos apresenta na *Husserliana XXIII*. Portanto, queremos dizer que, talvez, com o avançar de nosso pensar, o pensamento que segue de Husserl, talvez, tenha se aproximado de tudo aquilo que apresentamos até aqui sobre imagem, memória e fantasia. Este pensamento de Husserl (2005, grifo meu) é o que segue: “no fantasiar, nós significamos *outro* objeto, pelo qual o objeto que aparece e que difere perceptualmente do objeto fantasiado *serve* como representante da imagem”. Esta, então, é a ideia central que apresentamos até aqui neste livro - a saber - a de que a fantasia precisa da percepção para compor as suas diversas relações de representação (*darstellung*).

Contudo, ainda segundo Husserl (2005), “há uma certa mediação no ato de apresentar que é ausente na apresentação perceptual”. Ou seja, Husserl quer nos informar que, primeiro, a apresentação perceptual (ou da percepção) difere naturalmente da apresentação da fantasia. Segundo, tal “diferença” recai no fato de que na percepção o objeto é apresentado como estando “presente” e “atual” e para a fantasia o objeto é apresentado como “ausente” e “inatural”. Ou seja, neste primeiro momento, eu tenho uma intenção que me leva ao meu estado de percepção (apresentação) e, por outro lado, eu tenho uma memória que me leva ao meu estado de fantasia (representação). Acontece que há traços da apresentação perceptual na apresentação da fantasia e é isto o que Husserl demonstra no excerto acima. No modo da terminologia de Husserl, o que acontece aí é

também uma espécie de *preenchimento* (*füllen*). Ou seja, os traços da apresentação perceptual *preenchem* também os traços representacionais e não-presentes da apresentação da fantasia. Neste sentido, nós não temos algo “presente” e, por isto, *não* temos uma imagem do objeto. Partindo disto, o molde por onde a presentificação da imagem toma para tornar-se efetivamente “presente” é necessariamente a focalização do objeto perceptual ordinário o qual se encontra “suspense” no mundo fenomênico (Husserl, 2012).

Se formos sintetizar o pensamento de Husserl na *Husserliana* XXIII, nós podemos dizer assim: Husserl, aqui, trabalha apenas com dois conceitos centrais - a *consciência da presença* (*präsenzbewusstsein*) de um lado - e - a *consciência da ausência* (*bewusstsein für abwesenheit*) de outro. Muito embora a consciência de imagem seja preenchida de traços perceptuais da percepção, ela, a consciência de imagem possui a sua “estrutura” original própria, pois, segundo Husserl (2005), a fantasia não deixa de ser também um mundo, muito embora um mundo criado, fictício ou inventado, mas, ainda assim, não deixa de ser um “mundo”. Aqui adentra a situação do “como se” que se apresenta para nós como o índice ou o signo (*index*) pelo qual “o que agora eu vejo existindo diante de mim é como se eu estivesse experienciando a mesma coisa a um tempo atrás” (Husserl, 2017). Ou seja, pela memória da fantasia, a consciência de imagem enquanto “consciência” passa a representar, no mundo da fantasia, algo similar do “como se” estivesse ocorrendo realmente (*reell*) comigo no agora-mesmo-atual.

Sobre isto que acabamos de falar, Brough (2005, p. 55, da introdução) tem um pensamento parecido ao nos dizer que - “a simples percepção deveria ser uma consciência não-modificada direcionada ao seu objeto como atualmente ele existe em persona. A fantasia de uma percepção deveria ser uma única modificação do ato perceptual e deveria ser diretamente consciente de seu objeto, mas não de seu objeto como ele próprio e como atualmente existindo. Em vez disso, ele [o objeto] deveria ser a consciência de seu objeto como se ele estivesse sendo atualmente experienciado”. Ou seja, a vivacidade dos traços da coisa atual animam e, portanto, vivificam a essência eidética da coisa no momento em que a fantasia de uma memória se constitui. Os índices de perceptualidade da coisa atual passam a recobrir (*abdeckung*) também o lado fantasioso da coisa atual (*aktuelle Sache*) que, ao esta “coisa” transpassar para a qualidade do objeto fantasiado, teremos aqui a consequente transformação do “perceptual” e “atual” em “representado” e “inatual”. Com isto, o fino “tecido” por onde se compõe a consciência de imagem é fortemente retroalimentado por aqueles índices da coisa atual. Como explica Brough (2005, p. 55, da introdução), “similarmente, a fantasia de uma memória é a consciência de algo como se tinha sido atualmente experienciado e como se estivesse sendo atualmente recordado onde a coisa atual toma lugar no ato de fantasiar próprio”. Neste sentido, a “coisa atual” é, em sua essência, um conteúdo sensorial imanente que, diante de sua autonomia e liberdade “existencial”, “escolhe” com qual objeto fantasiado eu devo agora

recobrir. Portanto, para Husserl, os conteúdos de todas as apreensões do objeto fantasiado só serão “recuperados” pela síntese representacional no momento em que a “atualidade” da coisa doar a ipseidade de seu conteúdo para o objeto fantasiado a partir da apreensão de fantasia (Husserl, 2005).

4. A TEORIA DO FANTASMA (PHANTOM)

O fantasma (*phantom*) é um conteúdo *sensivelmente incorpóreo e sensorial* e que advém das profundezas da interioridade do fundo escuro da memória da fantasia (Bühler, 1967). Assim sendo, o fantasma como conteúdo sensorial, ele se retroalimenta de “sensações”, as mais diversas possíveis e cada um destas “sensações” está ligada a um fino fio de um ato representacional. Neste ínterim, o fantasma não é tão somente um “conteúdo sensorial”, como também uma *imagem*. Uma imagem que é coconstruída com base nas remissões da retenções dos atos representacionais, tendo assim, como origem, a consciência de imagem. Tal fantasma não sai da consciência; digamos que ele vive *lá* para sempre. Vamos dizer assim: em cada apreensão da fantasia em que atua os atos fantasiados, depois da relação com o objeto perceptual, a consciência de imagem faz é “captar” este tipo de objeto e passá-lo a representá-lo agora na memória da fantasia. Segundo afirma Husserl (2005), para cada conteúdo-sensação sensorial se corresponde um fantasma sensorial. Neste sentido, segundo Brough (2005, p. 59, da introdução), “Husserl escreve em 1905, por exemplo, que o fantasma [ele cita Husserl] dar-se como não-presente e que apenas a reflexão indireta concede-o um presente adquirido, mas, apenas em poucas páginas, ele [Husserl] afirma que as apreensões e os fantasmas presentes servem como representantes para o que é genuinamente intencionado, mas não presente...”.

Em outra parte da introdução, o tradutor John Brough afirma - “mas se o ato é presente, e se o fantasma é uma parte real do ato, então o fantasma também deve ser presente” (BROUGH, 2005, p. 60, da introdução). Dentro deste contexto, como havíamos falado anteriormente e, aqui, Brough (2005) passa a confirmar o nosso pensamento - a saber - “o fantasma é *uma parte real do ato* e, aí, poderemos incluir - *uma parte real do ato [da percepção]*. Durante o nosso percurso até aqui, nos envolvemos com esta afirmação mais ou menos condensada na seguinte expressão - “a fantasia só poderá ser presente e atual porque está intrinsecamente relacionada à percepção”. Então, a forma do conteúdo do fantasma é desencadeada, digamos, de uma parte real do ato da percepção. Logo, a teoria do fantasma é também, na visão da fenomenologia, uma teoria da percepção; só que na fantasia. A questão que Brough (2005), neste sentido, coloca é - “se o fantasma não estivesse ‘presente’, como ele poderia ser apreendido?”. Então, deste

modo, esta afirmação torna a teoria da/sobre a percepção um dos fundamentos centrais, podemos dizer assim, da fenomenologia da fantasia. Contudo, o conteúdo do fantasma ou o próprio fantasma só surge e ressurgue dentro de um “presente” como vimos, porém, dentro de um *presente interno*. Ou seja, dentro de uma consciência interna do tempo interno do presente. Este chamado “presente interno” nada mais é do que o profundo interior das apresentações, presentificações, retenções e protensões que ocorrem por meio do reflexo de cristais do tempo dos atos representacionais constituídos pela memória da fantasia (Husserl, 2005; 2017).

Ou seja, pelo simples fato do fantasma ser também um dado representativo sensorial, porque as sensações são peça-chave das percepções e, inclusive o seu “retroalimento”, uma determinada sensação do conteúdo do fantasma é “presente” e, portanto, se torna “atual” através somente e por meio somente da sensação que eu tenho e sinto ao perceber um determinado objeto perceptual (Husserl, 2017; Bühler, 1967). No entanto, o modo pelo qual o objeto perceptual aparece para mim não pode ser jamais um dado representativo da memória porque, em suma, todo o ato de percepção é, na verdade e em sua realidade, um ato de reflexão e, portanto, a percepção mais a reflexão não necessitam, inicialmente falando, do fenômeno da memória porque simplesmente a dada “reflexão” já daria conta de toda a manifestação das *aparições* dos atos perceptuais. Fenomenologicamente falando, um conteúdo se gera de uma determinada experiência ou, se quiser preferir, de um contato, súbito e imediato, com o objeto. A partir daí, se gera um ato intencional. Na intencionalidade do ato, há determinadas apreensões do ato de percepção, ou seja, quando eu percebo um determinado objeto diante de mim, ser físico ou imaterial, animado ou inanimado, presente em carne e osso ou ausente em carne e osso, presente em pessoa ou ausente em pessoa, etc. Como nos diz Merleau-Ponty (2018) na *Fenomenologia da percepção* - “o meu corpo próprio, a minha carne, que diz que tipo de relação eu irei ter agora”. No contexto do “fantasma”, ele surge necessariamente e fundamentalmente do substrato da coisa para, em seguida, se manifestar da coisa primariamente pelo ato de percepção. Assim, em termos bem simplórios, seria - primeiro a percepção, o dado presente e imediatamente percebido e, logo em seguida, a fantasia, que é o dado necessariamente representado pelo meu ato de perceber em pessoa e em carne e osso. Então, seguindo uma terminologia husserliana, a percepção aparece em *carne e osso*, já a fantasia aparece a partir da *sensação* e do *fantasma*.

Quando dizemos que o conteúdo do fantasma se constitui dentro de um “presente interno” é que, primeiro, o fantasma (*phantom*) não é um “dado externo”, jamais. Muito pelo contrário, Husserl (2005), assim como escreveu sobre a parte interna da consciência do tempo, nos dizendo que “a consciência do tempo se constitui internamente”; isto demonstra, para o contexto do fantasma que, primeiro, o fantasma, como ponto originário das apresentações e presentificações da fantasia, se constitui necessariamente na parte

interna dos atos representacionais. Então, com este sentido, podemos dizer, de modo segundo, que “a consciência interna não é meramente um dado da experiência, mas, na verdade e em sua realidade, a *experienciação de uma experiência*. O que nos leva a crer que o fantasma e o seu conteúdo sensorial está, digamos, no segundo nível ou na camada secundária da consciência interna do tempo e até de uma “consciência da fantasia”. Neste contexto, a *experiência (erfahrung)* é, ao mesmo tempo, um *ato* e uma *sensação*, nesta ordem respectivamente. Neste sentido, dentro de uma consciência absoluta, ou melhor, dentro de um fluxo absoluto do tempo interno, primariamente, as experiências dos atos perceptuais (apresentação perceptual) passam a ser visto e experienciados por mim, enquanto que, por outro lado, há, dentro do mesmo fluxo absoluto da consciência do tempo interno, os fantasmas aparecem diante de mim a partir e por meio de cada aparição perceptual de um objeto percebido por mim. Então, toda a *representação (darstellung)* não pode ser “representação” sem a percepção; porque como o objeto que foi percebido por mim e que agora acabou de existir para mim será representado sem o meu ato primário, ou seja, sem o ato presente, ordinário e imediato, que é aquele ato fundante, ou seja, o meu ato de perceber e experienciar o objeto diante de mim?

Neste sentido, “experiência”, para Husserl (2005), é um *individual*. Ou seja, em cada experiência se formará um conteúdo, sendo a “experiência” e o “conteúdo” individuais ora percebidos, ora representados. Seria uma espécie de consciência interna do presente interno repleta de *individuais - perceptivos e representados*, ao mesmo tempo e no mesmo instante. Com isto, no tocante a uma teoria do fantasma, a “sensação” seria o *motor* ou a *força (stärke)* em potência que formariam, pelo ato de reflexão dos atos representacionais, a presentificação dos atos perceptuais. E não somente isto. A força imperiosa do “fantasma” retroalimentado de “sensações” preencheria o fluxo interno do tempo interno da consciência da fantasia, tornando-se, junto aos atos de percepção, conteúdos sensoriais de uma “fantasia construtiva.

5. A SENSACÃO COMO UM FANTASMA

Husserl (2005), na *Husserliana XXIII*, diz que, no caso da percepção, o *conteúdo* é *sensação*, isto é, um dado sensorial e atual experienciado numa consciência, enquanto que, na fantasia, o *conteúdo* é um *fantasma*. Ou seja, na apresentação perceptual ordinária o ego pensante passa a experienciar a coisa atual a partir de suas tonalidades afetivas, isto é, a partir de seus sentimentos, ou melhor, de suas afecções. Neste sentido, nada aqui não passa de ser extraordinário justamente porque a medida e o conteúdo das sensações dos meus atos perceptuais serão sempre os mesmos em relação a eles próprios. Pois, na percepção, se um dado ou um conteúdo sensorial me evoca um certo sentimento para com o objeto percebido, então, eu estou agora, na existência e presença viva daquele objeto perceptual, produzindo uma sensação acerca dele. Deste

modo, o índice sensorial do objeto percebido representa, para mim, os diversos modos de apreensão que eu tive com aquele dado objeto percebido. Neste sentido, então, a sensação entra como componente “substancial” da coisa atual que me aparece e, neste sentido também, o conteúdo sensorial que nasce desta relação invade o ser do meu ego pensante a partir da atualidade do objeto percebido pela primeira vez por mim. Assim, quando se cria uma “sensação” é normalmente sinal de que o meu ato de percepção se encontra em sintonia com a coisa atual. Assim e de todo modo, a sensação que eu tive com a coisa atual faz surgir um conteúdo sensorial que este passa a ser “presentificado” agora pela memória da fantasia. Já, na fantasia, acontece o contrário: o conteúdo é o fantasma, ou seja, aqui, agora, o conteúdo passa a ser o fantasma da sensação do conteúdo representada na coisa atual. Vamos explicar melhor. Eu tenho diante de mim um objeto perceptual que me liga ou me conecta a alguma experiência. No interior desta experiência, eu tenho um objeto percebido experienciado. No momento do agora-atual ou enquanto eu estiver existindo, normalmente este objeto será reexperienciado diversas e múltiplas vezes tanto no tempo-agora-atual como no tempo-que-agora-passa, como também no tempo da memória da fantasia que me faz recordar a minha afetividade experienciada para com aquele objeto.

Dentro deste contexto em particular, agora, neste momento e dentro desta situação atual, o conteúdo representado pelo meu contato com a presença da coisa atual quando eu a experiencio pela segunda vez, esta “coisa” passa a ser recordada e a se manifestar intuitivamente diante de mim; neste caso; o objeto paira diante de mim como um reflexo e continua a sobreviver em mim de modo inatual. Este aspecto da “inatualidade” que faz significar o conteúdo deste objeto representado que é o fantasma (*phantom*). Então, neste segundo nível de apreensão, o conteúdo, que é o fantasma, me aparece ou se desvela simplesmente da sensação primária e ordinária que eu tive com o objeto dado perceptual em sua forma originária. Com este sentido, o *Origo* (o presente imediato) entra em confronto, ou seja, entra em relação com a memória da fantasia, possibilitando, agora, o acesso às abstrações memoriais da fantasia. A partir daí, eu tenho diante de mim dois tipos de “sensações” - de um lado - a sensação que é o conteúdo da minha percepção - e - de outro lado - a sensação da sensação do conteúdo do objeto da fantasia. Assim e somente assim, todo o signo ou marca da realidade da fantasia será essencialmente configurada do presente atual, imediato e primário. O meu passado vem a mim, então, como pura recordação e eu, então, novamente, passo a “agir” ou a “atuar” no mundo dos fenômenos intuitivamente.

Por isso, que podemos dizer que a memória, bem como a fantasia não são nunca apresentações de algo dado original atualmente presente, mas são sempre um dado (*datum*) que foi transpassado (*durchbohrt*) da realidade concreta para a realidade fictícia. Sendo assim, a realidade física da percepção é superposta à realidade da fantasia de modo que os traços daquela se coadunam intuitivamente à esta no fluxo absoluto

de apresentações, bem como de retenções. Desta forma, o mundo da fantasia seria, como nos diz Husserl, uma *mera possibilidade* simplesmente porque a objetividade da individualidade da fantasia retoma sem cessar possivelmente os dados (*datum*) da experiência concreta e ordinária. Assim, se o conteúdo de uma sensação representada é também um fantasma (*phantom*), todas as demais relações temporais da fantasia serão intercaladas com a sensação do objeto percebido pela primeira vez. Brough (2005, p. 58, da introdução, grifo meu) usa o exemplo ordinário do tapete vermelho, ele diz - “quando eu vejo um tapete vermelho, por exemplo, um conteúdo sensorial “vermelho”, atualmente lá na consciência, *sofre* interpretação por uma apreensão do tapete perceptual, deste modo, constituindo a aparência perceptual do existir do tapete vermelho. A memória e a fantasia, por outro lado, não são apresentações originais *de algo atualmente presente*; elas podem ser intuitivas, contudo, e, nessa medida, possuem um componente sensorial. Na memória, por exemplo, eu tenho a representação intuitiva do tapete vermelho que uma vez eu percebi. O componente sensorial da memória intuitiva, contudo, não pode ser original no sentido de uma sensação; se ele fosse, *eu deveria atualmente perceber o tapete*. Ele é, portanto, um conteúdo modificado, apto para *servir* como *portador* de um raio apropriado da apreensão memorial”.

No exemplo do tapete vermelho, Brough (2005) quer nos demonstrar que o componente sensorial da apresentação da fantasia nunca, jamais poderá ser, em algum tempo, “original”; porque, se fosse assim, eu deveria perceber o tapete atualmente agora como se estivesse existindo para mim pela primeiríssima vez. Então, ao contrário, para Brough, as apresentações nunca serão “originais” no sentido de dizer que o início da apresentação da fantasia de “ver” o tapete como se estivesse existindo para mim agora acontece exclusivamente no momento da apreensão da coisa atual, viva e presente por natureza, pois, quando eu tenho a representação intuitiva do tapete vermelho diante de mim. eu não tenho ou não carrego jamais uma apresentação original. Pelo contrário, somente a percepção trabalha aqui com *apresentações originais* (*originalpräsentationen*) e, por outro lado, a fantasia trabalha com *apresentações modificadas* (*modifizierende Präsentationen*). Assim, o conteúdo sensorial do meu ato de percepção de perceber o tapete vermelho diante de mim serve como base ou fundamento para as minhas apreensões e apresentações intuitivas do meu campo perceptivo da fantasia. Sendo deste modo, o conteúdo sensorial que se constroi desta relação percepção-representação produz aquilo que Husserl vai chamar de *fantasma sensorial* (*sinnessphantom*).

6. O FANTASMA COMO MOMENTO MODIFICADO E REPRODUZIDO

Segundo aponta Brough (2005, p. 65, da introdução, grifo meu), “*sensação ou impressão é a consciência original de um ato. O fantasma, como a modificação da sensação, é a consciência reprodutiva de um ato pelo qual eu não estou agora impressionantemente consciente*”. Aqui, neste capítulo,

perceberemos que além do fantasma (*phantom*) ser uma *consciência modificadora* (*bewusstsein verändern*) porque é o fantasma, imerso na sensações, que passa a constituir todos os momentos modificados em sua essência, além disto, o fantasma é também uma *consciência reprodutiva*. (*reproduktives bewusstsein*). Dentro de um fluxo absoluto de momentos temporais na consciência da fantasia, o objeto já representado, recebe da sensação que me causou o ato perceptual, o conteúdo representacional do fantasma. Neste momento, se forma, então, a objetividade do fantasma sensorial. Logo após, o fantasma (*phantom*) já atua por si só dentro da consciência interna do tempo e, neste caso também, dentro da consciência interna da fantasia. Neste momento ainda, não há mais feixes ou raios de luz porque o contato com a presença iluminante do ato do meu perceber o objeto já foi consumada. Deste modo e por esta forma, o fantasma, por ele mesmo e dentro dele mesmo, modifica os momentos temporais em torno de si através da consciência de imagem e da fantasia. Então, os feixes luminosos do ato de percepção são momentaneamente “cortados” e o fantasma, na obscuridade de seus atos imanentes, passa a atuar obscuramente na síntese da construção do ato representado. Assim, no momento em que o fantasma modifica o momento da coisa que era atual e não é mais, o fantasma passa a se encontrar exclusivamente na iminência de seu próprio ato de reflexão. Somente assim, as demais e sucessivas apreensões do fantasma vão se representadas e, sobretudo, reproduzidas através de seus próprios atos “fantasmáticos”.

Então, neste sentido, o fantasma primeiro modifica o momento temporal inicial, “cortando” a sua relação com o ato da percepção e, somente depois, reproduz aquilo que recebeu da coisa atual, agora, dentro de sua própria síntese e dinâmica representativa. Segundo afirma Brough (2005, p. 65, da introdução), “o fantasma é o momento reprodutivo do ato de fantasia ou memória que constitui a consciência de um ato passado ou um ato fantasiado. Ele não é um conteúdo “escuro” esperando pelo milagre de apreensão para dar-lhe vista, mas a consciência interna reprodutiva de um ato não-atual ou quase-atual”. Ou seja, o ato passado ou representado se constitui por um momento singular e imanente reproduzido pelo fantasma por um ato de reflexão. Neste sentido, a consciência interna do tempo interno do presente interno retira da apreensão inicial do objeto percebido uma “quase-atualidade”, deste modo, o fantasma, diante de sua autonomia e liberdade “existencial”, agora, passa a reproduzir aqueles momentos que lhe são próprios na imanência quase absoluta de seus próprios atos e dentro de um fluxo imanente de recursivas representações. Quando, por exemplo, eu vejo e percebo diante de mim um tapete vermelho, eu não vejo imediatamente o tapete, mas vejo e percebo nitidamente o vermelho do tapete. Então, tanto na cor, como na geometria, o fantasma aparece e se constitui; e; a relação de correspondência com o conteúdo representativo do tapete em mim na fantasia passa a ser “constituído” sem mais ter correspondência com o dado representativo da percepção. Ou seja, em outras palavras, o fantasma “absorve” o conteúdo que o meu

ato de percepção “representa” e, posteriormente, *reproduz* aquela imagem que representava intuitivamente em mim. Segundo Husserl (2005, p. 11, grifo meu), “para todo conteúdo de sensação sensitiva, para o vermelho sentido, por exemplo, corresponde um fantasma sensitivo: o vermelho atualmente *paira diante de mim* na representação intuitiva de um vermelho”.

Em outra parte, Husserl (2005, p. 10, grifo meu) também diz - “os fantasmas, contudo, *pairam diante de mim fugazmente, agora fazendo sua aparição, agora desaparecendo*; eles não são estáveis. Eles também mudam em conteúdo; eles não estão constantemente mantendo suas cores, formas, etc.”. Husserl (2005) esclarece para nós, em outras partes, que os fantasmas têm as seguintes características - são volitivos, instáveis, imanentes, não-presentes, inatuais, sensoriais, fugazes, momentâneos, instantâneos, vivos, etc. Este último caractere o de “estar vivo” é um caso muito particular que o próprio Husserl, pelo menos na *Husserliana XXIII*, não se presta a aprofundar ou a observar tão detidamente. Seria, neste caso, o problema da “vivacidade do fantasma”, em outras palavras, como, diante da “inaturalidade originária” de seus conteúdos sensitivos, o fantasma ainda consegue “ter existência” (*existenz haben*) (?). Indo por outra via e tentando responder parcamente este dilema, é curioso dizer que o próprio “fantasma” possui uma *consciência*. A partir disto, podemos dizer assim: a consciência da fantasia se constitui de traços representativos em atos fantasiados, portanto, estes “atos fantasiados” são modificados e reproduzidos por uma “consciência fantasmal” (*phantombewusstsein*) porque aquilo que torna os fantasmas também com um “aspecto consciente” são, na verdade, as sensações.

Então, diante de uma consciência do tempo e da fantasia e diante também de uma consciência do presente interno, podemos dizer, por outro lado, que há também uma consciência do passado porque, o passado longínquo sendo uma fantasia, estamos de acordo em dizer também que todos os atos representacionais de retenção, de apresentação e de presentificação (Husserl, 2017), são, em sua realidade intuitiva, atos conscientes executados pelos fantasmas e, portanto, podemos dizer que os fantasmas são “vivos”; ou seja; há uma “vivacidade” originária e imanente, neles. No próximo e último tópico, discorreremos sobre esta tal “vivacidade do fantasma”.

7. SOBRE A VIVACIDADE DO FANTASMA

Husserl (2005, p. 81) diz - “os fantasmas são, também, conteúdos sensoriais e conteúdos sensoriais do mesmo gênero e espécie como aqueles encontrados na sensação. Tão longe quanto o conteúdo é concernido, o tom do fantasma, a sensação da cor e a cor do fantasma são todos apreendidos como coisas do mesmo tipo e não meramente como coisas indiretamente conectadas, como signos arbitrários e o que eles significam. Além disso, não há dúvida de que nós podemos experienciar sensações e fantasmas ao

mesmo tempo, como quando, por exemplo, nós lemos notas e acompanhamos nossas leituras com os tons-fantasmas, ou quando nós fantasiemos uma melodia enquanto estamos atentos às percepções visuais, etc.”. Nossa interpretação, talvez, até aqui, tenha sido a correta - a saber - que um *fantasma* é uma *sensação* e uma *sensação* é um *fantasma*. Não apenas pelo fato de que os fantasmas acompanham ou estão interconectados de modo imanente nas sensações, mas porque as próprias “sensações”, são o reflexo e, portanto, a retroalimentação destes seres fantasmais (*phantomwesen*). Para Husserl (2005), todo um *campo de experiência* é um *campo sensitivo* (*sinnesfeld*) justamente porque toda a experiência está cercada e envolvida por sensações, diversas, múltiplas, coloridas e únicas.

Como havíamos dito, um conteúdo de uma sensação poderá ser o mesmo conteúdo de sensação para o fantasma. Husserl (2005, p. 101) afirma isto nas linhas que seguem: “dependendo das circunstâncias, portanto, o mesmo conteúdo poderia ser chamado sensação ao mesmo tempo e o fantasma em outro”. Ou seja, embora sejam dois tipos diferentes de “sensação”; eles estão interligados, atuando de modo imanente e ao mesmo tempo. No entanto, Husserl nos esclarece que a sensação do ato perceptivo do objeto é uma, a sensação do ato do fantasma é outra. São sensações e conteúdos sensoriais (ou sensitivos) com distintas naturezas. E, aqui, se encontra a parte na qual Husserl (2005, p. 100, grifo meu), ao falar de seu mestre Brentano, usa o termo “a vivacidade do fantasma” (*phantomlebendigkeit*), vejamos: “Brentano encontra a razão principal de sua posição no fato de que a *vivacidade dos fantasmas* intensifica até a mudança das sensações e converte-as em ilusões perceptuais”.

Husserl (2005) deixa claro, em sua fenomenologia da fantasia, que a sua meta entre outras é clarear mais um pouco caracteristicamente o conceito de “fantasma” (*phantom*) como ele mesmo diz: “aqui, nós devemos apenas ter que definir caracteristicamente *a mudança de força e a vivacidade dos fantasmas como intensidade*” (Husserl, 2005, p. 102, grifo meu). Logo assim, o fantasma, como vimos, não somente *modifica* ou *reproduz*, mas também *intensifica*. Ou seja, diante de sua autonomia e sua “força” características, o fantasma, na consciência da fantasia, é capaz de não somente modificar ou reproduzir, mas intensificar os seus atos, apreensões, conteúdos, representações, apresentações, retenções e etc.

A questão do problema do fantasma numa fenomenologia da fantasia recai no fato presente e absolutamente aparente - o de que trabalhamos ora com a consciência da presença e ora trabalhamos com a consciência da ausência. Uma é a percepção e a outra é a fantasia. Sendo assim, em termos temporais, nesta obra em particular, não tratamos tão intensamente sobre *o tempo* na fantasia; pois; na *Husserliana XXIII*, Husserl (2005) trata do tema também, assim como nas Lições de 1928. O interessante a notar é que Husserl escreve primeiro uma teoria da fantasia e da imagem para, só depois, dissertar algo sobre a “consciência interna do tempo”. Dentro disto, pensamos, talvez, que Husserl, ao escrever sobre as

apresentações e presentificações, bem como as retenções na fantasia, percebeu que seria necessário escrever também sobre o fluxo absoluto de apresentações, retenções e protensões a fim de compor a sua “fenomenologia da consciência interna do tempo” (Husserl, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, pensamos que, no tocante a uma introdução sobre o tema da fantasia e do fantasma em Husserl e, mais especificamente, sobre a *consciência-fantasma* (*phantombewusstsein*), tenha sido, de todo modo, apenas uma parca passagem em torno de um dos temas da grande e complexa fenomenologia husserliana. Acreditamos, então, que o nosso objetivo tenha sido alcançado - que seria o de apresentar caracteristicamente como a consciência-fantasma se constitui. Agradecemos a oportunidade de poder discorrer um pouco sobre uma temática difícil e, por isso, pouco lida no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

- BROUGH. Introdução. In: HUSSERL, E. **Phantasy, consciousness of image and memory**. London: Springer Nature, 2005.
- BÜHLER, K. **Teoría del lenguaje**. Madrid: Revista do Occidente, 1967.
- HUSSERL, E. **Phantasy, consciousness of image and memory**. London: Springer Nature, 2005.
- _____. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras, 2012.
- _____. **Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.
- _____. **Investigações lógicas: prolegômenos sobre lógica pura**. vol. 1. São Paulo: Convivium, 2024.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- RECANATI, F. **Perceptual concepts: in defence of the indexical model**. In: Synthese. v. 190, n. 10, 2013.